

de Albi, no sul da França, tornou-se conhecida como albigenses. Assumindo formas diversas, esse novo gnosticismo difundiu-se por toda a parte, desde Constantinopla (onde se denominavam Bogomils), no Oriente, até o norte da França, onde existiu o primeiro bispo cátaro, em 1149. Em fins do século XII havia onze desses bispos, seis deles na própria Itália.

É inegável que a miséria e as moléstias do fim da Idade Média muito contribuíram para tal êxito. Os países prósperos costumam satisfazer-se com religiões mais brandas, mas onde reinam a pobreza e o sofrimento algo mais rígido e obscuro se faz necessário. É por isso que mais tarde o presbiterianismo viria a exercer tão forte apelo na Escócia, e o metodismo floresceria entre os úmidos e desolados vilarejos da Cornuália. Na doutrina dos maniqueus também existe algo que fala ao profundo romantismo da natureza humana — o sentimento de que o inferno é aqui na terra, e de que a felicidade se encontra em “outra esfera”.

Quando o Conde Raymond VI de Toulouse aderiu aos cátaros, o papa achou que estava na hora de fazer alguma coisa, e convocou uma cruzada. Para muitos cavaleiros e barões franceses, era como um convite de caça aos javalis. Seria uma ação de apenas quarenta dias (prazo específico padronizado para uma cruzada), com muitos saques e violações. Um grande exército varreu o sul da França, destruindo cidades inteiras e vitimando hereges e fiéis igualmente. Simon de Montfort (pai do De Montfort que constituiu o primeiro parlamento inglês) foi o mais brutal desses saqueadores, tendo permanecido em Toulouse após provocar uma guerra sangrenta. A abjeta Inquisição nasceu em Toulouse, em 1229, e seus mais dedicados agentes eram dominicanos, que viajavam por toda a parte e denunciavam hereges onde quer que os encontrassem. A história completa dos horrores daqueles anos jamais foi contada, e talvez seja melhor assim. A Igreja estava decidida a eliminar a heresia a qualquer custo. Com ironia, um crítico poderia supor que os cardeais, ceando javali assado com bons vinhos italianos, se sentissem ameaçados pela doutrina asceta dos isolados cátaros. De qualquer maneira, cátaros e albigenses foram impiedosamente eliminados. Os poucos sobreviventes fugiram para aldeias nas montanhas, como o fariam os valdenses ao sofrerem perseguição semelhante mais de dois séculos depois. Domingos (posteriormente São Domingos), fundador dos Monges Pregadores, com sede estabelecida em Toulouse em 1215, prometeu dedicar-se à destruição da seita dos cátaros através da “persuasão dirigida à mente e ao coração”, mas sua polícia secreta — pois, na realidade, isso é o que representavam os dominicanos — logo passou a agir por conta própria e a ver adoradores do Diabo por toda a parte. Foram esses “pregadores” dominicanos que descobriram que o Diabo mudara de tática: perdido seu exército de cátaros, o Diabo partiu para a criação de um exército secreto de velhas más, todas a seu serviço e dedicadas à destruição secreta da Igreja. É possível que não estivessem totalmente enganados. A extrema crueldade e a impiedosa perseguição costumam provocar o aparecimento de movimentos “subterrâneos” dedicados à destruição dos opressores através de meios secretos. Assim, há que se imagi-

nar as primeiras “bruxas” como participantes de um Movimento de Resistência cátaro, uma espécie de I.R.A. herege. O que não é tão absurdo quanto parece. É bem verdade que sempre houve bruxas — em pequenos números. Mas eram, por assim dizer, bruxas de ação individual. Os cátaros acreditavam que o Deus criador deste mundo é um demônio que, de alguma forma, conseguiu o poder que tem usurpando-o da Divindade Última, que se situa bem acima de banalidades como a criação. É uma doutrina que não satisfaz. A quem dirigir as preces nos momentos de extremo sofrimento? Não ao Ser Supremo; por que ele teria de se preocupar com as ações de um de seus eões decaídos? Com isto, resta apenas o ente decaído, o Monstro do Caos, o Satanás. Talvez algumas mulheres da seita dos cátaros, que tinham visto o assassinato de maridos e filhos, realmente tenham dirigido suas preces ao Monstro do Caos por Vingança. Dois séculos depois os cátaros já não existiam, mas os dominicanos da Inquisição prosseguiram em sua ação fulminante contra as bruxas, a quem denominavam valdenses, que se reuniam nos sabás ou “valdesias”. (Os valdenses também recebiam o nome de *vaudois*, tirado da aldeia piemontesa dos Alpes onde se estabeleceram.) Nos Pirineus, as bruxas eram chamadas *gazari* (palavra obviamente derivada de *cátaros*).

Os dominicanos continuaram insistindo que a Igreja lhes concedesse permissão oficial para a organização de mais cruzadas contra as bruxas, mas a Igreja, lembrando-se de que o “cânone episcopal” negava a existência de bruxas, recusou-se a dar sua sanção por mais um século. Foi então que, infelizmente, João XXII, paranóico supersticioso, tornou-se papa. Tinha a firme convicção de que os inimigos tramavam sua morte pela magia, cedendo pois, finalmente, à solicitação dos dominicanos, para quem a “feitiçaria” em si constituiria crime, independentemente da questão da heresia. Isto se deu em 1326, em *Super illius specula*. Significativo é o fato de esse mesmo papa ter declarado herege a doutrina franciscana da pobreza de Cristo — qualquer coisa relacionada com pobreza era suspeita.

Mesmo assim, a perseguição às bruxas começou aos poucos. Principiou nos Pirineus e nos Alpes, território de albigenses e valdenses, e logo adquiriu características próprias. No primeiro julgamento secular da bruxaria realizado em Paris, em 1390, uma mulher chamada Jehane de Brigue era acusada de praticar a feitiçaria por um homem que estivera à morte e fora curado por ela! Jehane defendeu-se afirmando não ser bruxa e dizendo que apenas se utilizara de palavras mágicas que lhe haviam sido ensinadas por outra mulher, e que incluíam: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Por onde se vê que as “palavras mágicas” permaneceram basicamente imutáveis durante seiscentos anos. Torturada e confinada em masmorra imunda e fria durante os meses do inverno de 1390-1391, Jehane finalmente “confessou” ter um demônio familiar de nome Haussibut. Ruilly, o homem que ela havia curado, disse no julgamento que Jehane atribuía sua doença aos feitiços da amante dele, com quem tivera dois filhos. Novamente torturada, Jehane confessou que realmente fora ela que enfeitiçara Ruilly, mas a pedido da esposa de Ruilly, Macet-